

Em Casa – 1963-1998 (Parte II)

Este artigo é traduzido do original «AT HOME – 1963-1998» de Betty Caldwell, Universidade do Arkansas, Faculdade de Ciências Médicas.

Decoração interior

O que motiva um arquitecto ou um constructor a construir uma estrutura bonita e durável se os quartos permanecem vazios e jamais alguém irá utilizar essa estrutura? Similarmente, o que leva a desenvolver um instrumento mais proveitoso se este instrumento não contribui para o campo de base do conhecimento? Provavelmente a parte mais gratificante da nossa construção a nível do HOME é a sua aplicação à realidade que permitiu dar um significado à exploração de importantes hipóteses sobre as influências do ambiente no desenvolvimento. A isto chamei «os acessórios» de HOME.

No nosso próprio ambiente – primeiramente devido ao zelo e à metodologia de Bob Bradley – realizamos, por um lado, 60 estudos com alguns aspectos do desenvolvimento do HOME e, por outro, conduzimos uma investigação na qual o Inventário era o principal actor. Um recente estudo informático somou mais de 300 estudos que utilizaram o HOME. Este relatório informal sobre a história do HOME não é para tentar rever todos estes estudos. Contudo, é possível aqui produzir um sumário cápsula das descobertas de algumas destas investigações nas quais, e com adição do nosso próprio, proveu um sofá, máquinas de lavar, um piano grande, ou meramente uma peça de «bric à brac» aqui e ali. A partir desta ordem de pesquisa tentei resumir as descobertas mais importantes ao longo destes 35 anos, generalizá-las e sintetizá-las numa breve lista sem, por isso, limitá-las a um estudo em particular. Isto implica a compressão do trabalho de muitos investigadores, e como todos os estudos não podem ser descritos e criticados aqui, as citações não são oferecidas. Contudo, exprimo aqui o meu profundo reconhecimento àquele que utilizou o HOME para aprofundar a base de conhecimento no desenvolvimento da criança. As seguintes «peças do mobiliário» sintetizam esta extrema dificuldade do processo abstractivo:

- Os resultados do HOME, representam, primeiramente, indicadores próximos do ambiente da família que colidem directamente com a criança jovem, e estão interligados significativamente com vários indicadores (por exemplo SES).
- Os resultados do HOME tendem a estar ligados, significativamente, à competência do desenvolvimento durante os três primeiros anos de vida e tendem a prognosticar a actividade.
- O facto de acrescentar ao HOME indícios de qualidade de «casa» (por exemplo educação, rendimento) melhora significativamente a sua predisposição aos resultados de desenvolvimento. Quando medidas de qualidade da casa são tomadas isoladamente, os prognósticos sobre a competência do desenvolvimento subsequente baseado no HOME tendem a ter um nível elevado de exactidão.
- Nenhuma parte das sub-escalas é a mais importante; contudo, resposta, brinquedos (brincar e aprendizagem) e o envolvimento são quase sempre os melhores agentes do desenvolvimento. No entanto, todas as sub-escalas mostraram num estudo serem importantes. O resultado obtido é ainda a melhor medida a utilizar.
- O cálculo do nível de funcionamento das crianças nas medidas cognitivas e linguísticas até à idade de 3 anos a partir dos resultados do HOME são mais exactos do que calcular a partir de resultados de testes anteriores a esta idade.
- A previsão na idade média a partir dos resultados do HOME da infância é melhorada com a inclusão das medidas do HOME contemporâneo. O ambiente da idade precoce, embora importante, não anula o impacto das experiências subsequentes.
- As diferenças de grupos étnicos estão baseadas em vários estudos. Contudo, as correlações entre os resultados do HOME e os resultados das crianças são similares para os brancos e os grupos afro-americanos.
- As diferenças de género foram ocasionalmente encontradas mas são irrelevantes e inconsistentes. Não se observou nenhuma diferença nos baixos

resultados de aceitação ou castigo para os rapazes. Isto pode ser melhor explicado pelas diferenças de género no comportamento das crianças (por exemplo, os rapazes são mais agressivos) do que pelo ambiente da casa.

- Para além do período de infância precoce, as modificações no conteúdo do item eram necessárias para a avaliação do ambiente da casa das crianças com incapacidades.
- As mães com risco em ter um filho, com atraso no desenvolvimento ou com problemas de comportamento (adolescentes, consumidoras de drogas ou álcool, fumadoras, mal educadas, estressadas, deprimidas, vivendo na pobreza ou monoparentais) são encontradas por terem os resultados mais baixos do HOME. Contudo, existe um leque considerável de variáveis, e não há apenas uma característica que defina determinado grupo.
- Crianças com risco de problemas no desenvolvimento por causa do seu baixo peso trabalham mais perto da classe normal das medidas cognitivas e linguísticas quando vivem em famílias com os mais elevados resultados do HOME.
- Crianças com problemas de crescimento de origem não orgânica (ou seja, *Non-Organic Failure to Thrive*, ou *NOFTT*), estão geralmente nos lares com os mais baixos resultados.
- Os resultados do HOME, embora projectados com medidas de ambiente, não são independentes de influências genéticas. Foram encontradas correlações entre os resultados do HOME e o QI materno. No entanto, encontrou-se uma associação entre o nível do ambiente da casa e o desenvolvimento das crianças mesmo quando o QI materno é controlado.
- As respostas dos pais – orientadas em programas de intervenção, utilizando o HOME como medida de troca, indicam que o comportamento citado nalguns itens pode ser aprendido e pode mudar consoante a intervenção. A prova para isto é persuasiva apenas quando um grupo de controle é usado, tal como os resultados do HOME tendem a aumentar levemente com a idade da criança mesmo sem intervenção.
- As crianças com idade pré-escolar que estiveram também ligadas à segurança ou ansiedade enquanto lactentes mostram, provavelmente, alguns problemas de comportamento se provêm de famílias que obtiveram anteriormente resultados elevados no HOME.
- As crianças subnutridas vêm, provavelmente, de famílias com baixos resultados, e a tendência para

a intervenção tende a ter mais sucesso do que nas famílias que tiveram os resultados mais elevados.

- É possível utilizar uma versão do questionário HOME e ainda realizar associações significantes com efeitos de desenvolvimento.
- Estudos que utilizaram o HOME foram avaliados com amostras de rendimentos baixos e de alto risco. De acordo, esta é a população que se pode, legitimamente, generalizar. No entanto, existem estudos suficientes de amostras de baixo risco que produzem resultados elevados obtidos através de famílias de alto risco e crianças, que podemos generalizar com confiança a outras populações.
- Os tipos de comportamentos citados no HOME parecem ser úteis em muitos grupos étnicos e culturais, visando a universalidade de tais comportamentos como indicadores importantes de experiências essenciais nas vidas das crianças.

Estas «peças do mobiliário» completam o HOME, mas ainda há lugar para mais. Os resumos são baseados no trabalho de centenas de pessoas, e parece estranho não citá-los bem como as contribuições que estes oferecem. Estamos frequentemente a trabalhar numa base escolar que faz exactamente isto e seguimos o formato profissional para referir todos os estudos individuais. Trabalhar a partir disto com o objectivo de classificar a pesquisa e resumir brevemente os resultados, foi um exercício produtivo no contexto científico. Posso, confidencialmente, declarar que cada informação inclui uma peça importante para o HOME. Mais uma vez, tivemos a sorte de ter recebido muita ajuda sem a qual teríamos muitas «assolhadas» vazias.

Uso Internacional

Como já foi indicado anteriormente (cf. parte I, vol. 30, n.º 3, pp. 253-258), a viagem do HOME começou no México. Desde então, ele foi utilizado em inúmeras culturas estrangeiras e traduzido em quase todas as línguas. Depois da utilização, com sucesso, de Cravioto no México, que considerei essencialmente como um estudo válido em crianças de micro-interacções incluído nos itens do HOME, tendi a dar a permissão para a sua utilização apenas como sugestão, «pode não ser conveniente na sua cultura, mas é bem-vindo de ver se o é». Sem ser patrocinado, alguém pode descrever muitos destes como réplicas de alguns estudos americanos. O objectivo da sua pesquisa era, muitas vezes, aberto para demonstrar que as mesmas variáveis ambientais influenciavam o desenvolvimento nas próprias culturas. Quase sem excepção, tal

como foi o encontro dos estudos individuais⁽¹⁾. Isto tem aparentemente a ver com a importância universal das transacções humildes, entre adultos e crianças, que estão catalogadas no HOME. O ideal seria utilizar o HOME, traduzi-lo tão exactamente quanto possível, num local desenvolvido por investigadores locais, ajustado aos padrões específicos da criança e construído unicamente para determinada cultura. Temos em mão mais de uma dúzia de traduções do HOME desenvolvidas por investigadores em países diferentes, um testemunho importante para a sua utilização na arena global de pesquisa sobre o desenvolvimento da criança.

Segredo no sótão

As breves cápsulas de descoberta do outro acima mencionadas e com base no HOME, talvez o façam ver como se todo o relatório individual na literatura tenha validado a estrutura do factor HOME e tenha atestado ao instrumento habilidade para demonstrar o poder do ambiente. Tal não é o caso; tentamos guardar no sótão algumas peças do mobiliário. Por exemplo, Daniels, Plomin, & Greenhalgh, (1985) não encontraram nenhuma associação entre o IT/HOME e nem acanhamento nas crianças não adoptadas ou adoptadas, enquanto que a Escola do Ambiente de Família (Moos, 1974) mostrou haver uma relação. Trabalhando no Quebec, Ferland & Piper (1981) não encontraram nenhuma associação entre o HOME (administrado quando os lactentes tinham só 3 meses, o que nós achamos cedo demais) e o de Bayley. DiLalla & Molfese (1992), usando 3 sub-escalas do EC-HOME, não encontraram nenhuma associação com o desenvolvimento da linguagem. Assim os resultados do HOME não apareceram como nós tínhamos desejado. Em muitos dos estudos aqui confiados ao sótão, o HOME foi utilizado desta maneira numa idade precoce (8 semanas, 3 meses, etc.) e as sub-escalas mais poderosas (resposta, envolvimento, brinquedos) não tiveram simplesmente tempo de sobressair e de demonstrar a sua relevância. Esta é, de qualquer forma, a nossa explicação.

Renovação planificada

Agora com 35 anos, o velho HOME precisa obviamente de algumas remodelações. Apesar de os andares não terem rangido e do telhado não ter fendas, as repa-

⁽¹⁾ Existem muitos estudos que não foram aqui citados. Para mais informações, escrever para o autor e requerer uma bibliografia: Pediatrics/Care, Arkansas Children's Hospital, 800 Marshall St., Little Rock, Arkansas 72202.

rações estão em ordem. Algumas destas, incluídas nos trabalhos, serão mencionadas.

Novo manual e monógrafo

Desde então conseguimos escrever um Manual de Administração do Inventário, distribuímo-lo pelos leitores interessados e pelos potenciais utilizadores. Apesar do Manual parecer ser exactamente o que é – um documento produzido no local (originalmente mimeográfico, agora computorizado), ele reúne a informação necessária à aprendizagem do processo de administração, formas de amostra para fixar e alguns conhecimentos sobre a base conceptual do instrumento. Distribuímos ainda o chamado Monógrafo (Caldwell & Bradley, 1984), que fornecia, por um lado, mais detalhes sobre o raciocínio teórico do HOME e, por outro, uma base estandardizada.

Nunca exigimos aos potenciais utilizadores para receberem treino nem aos membros associados aos staff para viajarem por outros sítios. Por causa da contagem binária e do Manual cheio de exemplos actuais, isto foi muito fácil para os potenciais utilizadores alcançar o nosso nível recomendado de 90% de confiança. Recentemente, e de qualquer forma, fizemos umas cassetes de vídeo que distribuímos após requerimento. Como muitas coisas associadas com a história do HOME, esta atitude casual sobre qualquer requerimento de treino para potenciais utilizadores teve bens e responsabilidade. No que diz respeito aos bens, isto significa que houve uma utilização extensa do Inventário que ocorre para os novos instrumentos com falta de serviços de base num editor peremptório enquadrado num plano de marketing. Em relação à responsabilidade, esta atitude casual pode significar que pessoas, inadequadamente treinadas, utilizaram o Inventário de maneira imprópria o que resulta na produção de uma base má conduzida. Estamos frequentemente a trabalhar na revisão do Monógrafo o qual observerá o Manual e, desenvolvemos também um sistema para certificar os potenciais utilizadores via cassette vídeo.

Novas normas

Como já foi dito anteriormente, a fundação do HOME baseia-se nas normas que são inferiores às substanciais nos termos de adequação da amostra no qual estamos baseados. Uma razão para confiar na estandardização de Little Rock do HOME lactente/criança mais velha foi a de que os factores que emergiam eram similares àqueles que tinham fundado a análise de Syracuse (Bradley & Caldwell, 1977). Isto envolve apenas duas áreas geográ-

ficas as quais, embora muito diferentes, dificilmente representam a nação inteira.

O HOME foi utilizado em vários estados nos 10 locais NICHD – Estudo sobre a carência de um lactente (1996) com mais de mil sujeitos. Além disso, todo o pessoal que administrou o Inventário foi cuidadosamente treinado e submetido individualmente a vídeos e gravações no Little Rock. Deste modo, a qualidade da base é exemplar. A forma da base desta vasta e diversa amostra geográfica será em breve avaliada pela versão lactente/criança mais velha e, mais tarde pela versão idade precoce/idade média.

Novas variantes

As versões adicionais do Inventário, o qual segue uma sequência lógica depois da versão original lactente/criança mais velha, já foram referidas e não são, tecnicamente falando, variantes. Contudo, alguns investigadores, com a nossa autorização, tinham desenvolvido algumas modificações do HOME – usualmente com o objectivo de obter um género de informação produzida pelo HOME mas através de entrevistas do que pela observação para evitar uma visita à actual casa. Apesar de no início me ter oposto a isto, posso perfeitamente compreender que a visita à casa não é sempre possível. Infelizmente, há casas em que as famílias representam um «risco» para a criança e, por vezes, os próprios visitantes representam eles próprios um risco!

Uma versão do questionário foi projectada por Frankenburg e os seus colegas (Coons, Frankenburg, & Garrett, 1977) e utilizada extensivamente nos seus trabalhos como tela de desenvolvimento. A versão deles, chamada o HSQ (Home Screening Questionnaire), foi designada para ser preenchida pelo pai num caso clínico. Existem 41 itens na forma da infância e 48 na versão das famílias das crianças com idades entre os 3 e os 6. Num estudo com a amostra de 799 crianças, Frankenburg e Coons (1986) relataram uma correlação de .71 entre o HSQ e o HOME. Além disso, eles consideram que o HSQ identificou correctamente 81% das famílias que necessitariam de intervenção intensiva. Isto é uma base impressionante e garante certamente uma causa para a utilização, quando necessário e adequado, de uma versão do questionário.

Uma outra versão designada para ser utilizada num caso clínico foi desenvolvida por Casey, Bradley, Nelson, e Whaley (1988). Classificada PROCESS (Pediatric Review and Observation of Children's Environmental Support and Stimulation), o procedimento utilizou um questionário de 24 itens para ser preenchido pelos pais e 20 itens classificados pelo clínico com base nas

observações dos pais e da criança na clínica. PROCESS e HOME foram utilizados conjuntamente com 76 pares mães/criança. As correlações entre o PROCESS e o HOME tendem a ser muito elevadas (>80), indicando que os dois processos eram mais seguramente produtores de informação similar. Estas duas versões questionário demonstram que as visitas a casa podem produzir informação de confiança e proveitosa – embora detesta admiti-lo!

Recentemente um grupo de Yale desenvolveu um suplemento designado a caracterizar os ambientes da casa das crianças mais empobrecidas dentro das cidades. Chamado SHIF (Supplement to the HOME for Impoverished Families), os 20 itens acrescentam essencialmente as sub-escalas do HOME de Organização e «Responsividade» e aumentam mais sobre o ambiente físico. Contudo, juntar SHIF ao HOME não aumentou significativamente as correlações com cada criança de colo na Avaliação de Alimentação ou escala de ensino, e, excepto para a Organização do Ambiente (onde os itens acrescentados são quase identificáveis àqueles do HOME), não reforçou as correlações entre as sub-escalas e o resultado final. Num comentário solicitado neste suplemento (Caldwell, 1997), tomei nota de que muitos dos itens acrescentados eram virtualmente idênticos aos itens existentes no HOME. Assim, tal suplemento «define» a chave das necessidades básicas que se encontram no ambiente familiar e produz, certamente, intuições nos problemas familiares. Investigadores ou clínicos que trabalham com familiares seriamente disfuncionais podem querer utilizá-lo.

Não é inteiramente apropriado descrever o HSQ, ou o PROCESS como variantes do HOME. O SHIF, contudo, é uma verdadeira variante. As formulações do questionário utilizaram meramente o HOME como ponto de partida com um pouco de itens relevantes, e, claro, como prova de validade. Foram mencionados nesta secção como variantes para ilustrar uma das muitas funções proveitosas que o HOME serviu ao longo dos anos – como mentor dos outros que tinham uma pesquisa ligeiramente diferente ou necessidade clínica, ou igualmente uma orientação teórica diferente a partir da qual se construí os itens. Partindo de algo que é útil e adaptá-lo como necessário é muitíssimo mais fácil do que começar totalmente a partir de rabiscos. Deste modo, sentimos que o que foi feito com o HOME tornou a tarefa mais fácil para os outros que desejam avaliar o ambiente de desenvolvimento.

Alguns utilizadores queixaram-se de que o Inventário não fez um bom trabalho no último andar da escala. Isto é inteiramente verdadeiro; não significa «Super HOME», se realmente tal existe. Mas, o Inventário foi criado para ajudar a identificar os ingredientes experimentais que faltavam nas vidas e no desenvolvimento das crianças. Deste modo, a partir da nossa perspectiva, a falta de pre-

cisão do último andar não foi um problema. Contudo, o desenvolvimento dos itens que ajudariam a expansão fora das casas ao último andar da escala (nas variáveis outras do que rendimento e educação) merecem atenção de alguém. Talvez um leitor deste artigo estará interessado em tomar a tarefa.

Novos usos

Como indicado acima, o HOME foi usado extensivamente na pesquisa cuja maiores objectivos estavam dirigidos para outro lado – os efeitos da má nutrição no desenvolvimento mental, efeitos na participação num programa de intervenção, efeitos fora das contribuições de genética e do ambiente, etc. Em muitos estudos, dois grupos que não podiam fortuitamente serem determinados para a pesquisa (por exemplo, abusadores de droga versus não abusadores) foram igualados numas variáveis cobertas pelo HOME. No nosso próprio trabalho demonstramos o poder do ambiente nos desenvolvimentos cognitivo e socio-emocional e tentamos evidenciar quais são as transacções entre as crianças e as suas famílias que dirigem influências importantes sobre o desenvolvimento.

Tais usos não esgotaram as possibilidades do instrumento. Dum ponto de vista clínico, pode ser extremamente proveitoso o facto de juntar no mesmo caminho a história e a observação física visando a produção de uma informação diagnóstica importante. Além disso, o procedimento ou condições descritas em muitos itens são por fim modificáveis na teoria: as mães podem ser ensinadas a responder quando os seus filhos verbalizam, podem ser dadas indicações que têm a ver com brinquedos ligados às necessidades de desenvolvimento, podem aumentar a sua consistência que com alguma regularidade é benéfica na vida da criança. Os moldes de baixos e altos nas sub-escalas produzem sugestões válidas tal que tipos de intervenção possam ser maximamente proveitosos. É nosso maior desejo que os que usam o instrumento continuem a encontrar meios de exploração proveitosos no serviço de um desenvolvimento maior numa jovem criança e sempre grandes sentimentos de satisfação por parte dos pais.

Sumário

Nos 35 anos de existência do Inventário, pessoas maravilhosas viveram com o HOME que ajudou a construir uma estrutura sólida e válida para um longo futuro. A metade da vida de qualquer teste psicológico (lembrem-se de Rorschach?) é de mais ou menos 30 anos ou

até mais curto. Durante este tempo, o HOME é obrigado a remodelar-se. Uma das muitas coisas surpreendentes sobre a história do HOME é de que alguém não foi avante na construção de «uma mais estável vivenda». Talvez esteja assente em novas subdivisões e ainda não as conheça. Contudo é o meu desejo de que a sólida base na qual assenta o actual HOME, mais as remodelações correntes, resultem numa avaliação da estrutura capaz de atrair residentes responsáveis e arrendatários nos anos a vir.

Bibliografia

- Barnard, K., & Gortner, S. (1977). *Child Health Assessment, Part Two – Results of the first twelve months of life*. U.S. Department of Health, Education, & Welfare, Public Health Services, Health Resources Administration, Bureau of Health Resources Development, Division of Nursing.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1977). Home observation for measurement of the environment: A validation study of screening efficiency. *American Journal of Mental Deficiency*, 81, 417-420.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1979). Home observation for measurement of the environment: A revision of the preschool scale. *American Journal of Mental Deficiency*, 84, 235-244.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1981). Home environment, cognitive processes and intelligence: A path analysis. In M. Friedman, J. Das, & N. O'Connor (Eds.). *Intelligence and learning*. New York: Plenum.
- Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1982). The consistency of the home environment and its relation to child development. *International Journal of Behavioral Development*, 5, 445-465.
- Bradley, R.H., Caldwell, B.M., Rocks, S.L., Hamrick, H.H., & Harris, P. (1988). Home Observation for Measurement of the Environment. Development of a home inventory for use with families having children 6 to 10 years old. *Contemporary Educational Psychology*, 13, 58-71.
- Bradley, R.H., Caldwell, B.M., Brisby, J., Magee, M., Whiteside, L., & Rock, S.L. (1989). The HOME Inventory: A new scale for families of pre- and early adolescent children with disabilities. *Research in Developmental disabilities*, 13, 313-333.
- Bradley, R.H., Corwyn, R.F., Whiteside-Mansell, L., Caldwell, B.M., Wasserman, G.A., Walker, T.B., and Mink, I.T. (1998). Measuring the home environments of children in early adolescence. Unpublished Manuscript, University of Arkansas at Little Rock.
- Bronfenbrenner, U. (1958). Socialization and social class through time and space. In E. E. Maccoby, T.H. Newcomb, & E.L. Hartley (Eds.), *Readings in social psychology*, pp. 400-425.
- Caldwell, B.M. (1964). The effects of infant care. In M.L. & L.W. Hoffman (Eds.), *Review of child development research*. Vol. 1 (pp. 9-87). New York: Russell Sage Foundation.
- Caldwell, B.M. (1997). Commentary: Development of a supplement to the HOME Scale for children living in impoverished urban environments. *Journal of Developmental and behavioral Pediatrics*, 18 (No. 5), 329-330.
- Caldwell, B.M., & Hersher, L. (1964). Mother-infant interaction during the first year of life. *Merrill-Palmer Quarterly*, 10, 119-128.
- Caldwell, B.M., & Richmond, J.B. (1964). Programmed day care for the very young child – a preliminary report. *Journal of Marriage and the Family*, 26, 481-488.

- Caldwell, B.M., Heider, J., and Kaplan, B. (1966). The Inventory of Home Stimulation. Paper presented at the meeting of the American Psychological Association, New York.
- Caldwell, B.M., & Bradley, R.H. (1984). *Home Observation for Measurement of the Environment*. Little Rock, AR: University of Arkansas at Little Rock.
- Casey, P.H., Bradley, R.H., & Wortham, B. (1984). Social and non-social home environments of children with non-organic failure-to-thrive. *Pediatrics*, 73, 348-353.
- Casey, P.H., Bradley, R.H., Nelson, J.Y., & Whaley, S.A. (1988). The clinical assessment of a child's social and physical environment during health visits. *Journal of Development and Behavioral Pediatrics*, 9, 333-338.
- Cravioto, J., & DeLicardie, E.R. (1972). Environmental correlates of severe clinical malnutrition and language development in survivors from Kwashiorkor or amarsmus. In *Nutrition: The Nervous System and Behavior*. Washington, D.C.: Pan American Health Organization, Scientific Publication No. 251.
- Cravioto, J., & DeLicardie, E.R. (1986). Microenvironmental factors in severe protein-calorie malnutrition. In N. Scrimshaw & M. Behar (Eds.), *Nutrition and agricultural development* (pp. 25-36). New York: Plenum.
- Culbertson, J.L., & Willis, D.J. (1993). *Testing young children*. Austin, TX: Pro-Ed.
- Daniels, D., Plomin, R., and Greenhaugh, J. (1984). Correlates of difficult temperament in infancy. *Chld development*, 55, 1184-1194.
- DiLalla, L., & Molfese, V. (1992). Home environment and perinatal risk factors as predictors of preschool IQ. International Society for Infant Studies, Miami.
- Elardo, P.T., & Caldwell, B.M. (1974). The Kramer adventure: A school for the future. *Childhood Education*, 50, 143-152.
- Elardo, R., Bradley, R.H., & Caldwell, B.M. (1975). The relation of infants' home environments to mental test performance from six to thirty-six months: A longitudinal analysis. *Child Development*, 46, 71-76.
- Ertemis, I.O., Forsyth, B.W.C., Avni-Singer, A.J., Damour, L.K., Cicchetti, D.V. (1997). Development of a supplement to the HOME Scale for children living in impoverished urban environment. *Journal of Developmental and behavioral Pediatrics*, 18, 322-328.
- Hunt, J. McV. (1961). *Intelligence and experience*. New York: Ronald Press.
- Krajicek, M., & Tomlinson, A.I. (1983). *detection of developmental problems in children*. Baltimore: University Press.
- Moos, R.H. (1974). *Family Environment Scale*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- NICHD Early Child Care Network (1996). Characteristics of infant child care: factors contributing to positive caregiving. *Early Childhood Research Quarterly*, 11, 269-306.
- Pavenstedt, E. (1965). A comparison of the child-rearing environment of upper-lower and very low-lower class families. *American Journal of Orthopsychiatry*, 35: 89-98.
- Richardson, S.A. (1972). Ecology of malnutrition: Nonnutritional factors influencing intellectual and behavioral development. In *Nutrition, the nervous system, and behavior* (p. 101). Washington, D.C.: Pan American Health Organization.
- Scrimshaw, N.S. & Gordon, J.E. (Eds.). (1968). *Malnutrition, learning and behavior*. Cambridge, MA: M.I.T. Press.
- Sears, R.R., Maccoby, E., & Levin, H. (1957). *Patterns of child rearing*. Evanston, IL: Row Peterson.
- Warner, W.L., Meeker, M., & Eells, K. (1949). *Social class in America*. Chicago: Science Research Associates.
- Wortis, H. (1963). Child-rearing practices in a low socioeconomic group. *Pediatrics*, 32, 298-307.